

AUTORES:

Vinicius d Musa¹
 Felipe Modolo¹
 Caio Barreira¹
 Gustavo Tsuji¹
 Rafael Menezes¹

¹ Escola de Educação Física e Esporte
 de Ribeirão Preto (EEFERP) / Universidade
 de São Paulo (USP)

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S1A.298>

Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação

PALAVRAS CHAVE:

Treinador esportivo.
 Formação profissional. Handebol.

RESUMO

No Brasil é necessário o diploma de Bacharel em Educação Física para atuação como treinador esportivo, destacando o papel inicial da Universidade. Entretanto, diversos estudos apontam que apenas os conhecimentos construídos na graduação não são suficientes para sua atuação profissional, necessitando buscar o conhecimento em outros contextos. O objetivo desta pesquisa foi identificar as representações dos treinadores sobre o papel da Confederação Brasileira de Handebol e da Federação Paulista de Handebol para a sua formação profissional. Optou-se pela entrevista semiestruturada para produzir os dados e para a análise foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo. Foi observada uma falta de apoio em fomentar diferentes oportunidades de aprendizagem pelas Instituições, sendo um dos problemas a restrição de participação apenas para as equipes que são filia- das a essas, o que leva à busca por outros contextos de aprendizagem.

Representations of coaches concerning the role of handball ruling entities for their formation

ABSTRACT

To be a sport coach in Brazil it is necessary to be a graduate in Physical Education, which highlights the importance of the initial role of the University. However, several studies point out that only the knowledge built at the undergraduate level is not enough for their professional performance, needing to seek knowledge in other contexts. The aim of this work was to identify coaches' representations about the role of the Brazilian Handball Confederation and the Sao Paulo State Handball Federation for their professional learning. Coaches were interviewed and for the speeches analysis the Collective Subject Discourse method was used. The results showed a lack of support from the institutions to promote learning opportunities. One of the main problems is the restriction of participation only for teams that are affiliated with these, which leads coaches to search for other learning contexts.

KEY-WORDS:

Sports coach. Professional formation. Handball.

INTRODUÇÃO

Ao olharmos para o treinador como aprendiz, podemos entender que seus interesses e experiências fazem com que o mesmo se apoie em diferentes contextos de aprendizagem para formar seu conhecimento profissional. Nelson, Cushion e Potrac⁹ referem-se a três contextos de aprendizagem: formal (em instituições de ensino, de forma hierárquica, sistemática e mediada), não-formal (cursos, palestras e workshops que podem ocorrer fora das instituições de ensino, de forma organizada, sistematizada e mediada, para um público específico) e informal (processo que ocorre durante toda a vida face às suas experiências).

No Brasil a atuação do treinador esportivo é regulamentada pela Lei Federal 9.696/98¹, que também cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Educação Física, facultando a atuação profissional a aqueles regulamentados pelos Conselhos. A obrigatoriedade de possuir o diploma de Bacharel em Educação Física para atuar como treinador esportivo faz com que o ambiente universitário (contexto formal) apresente um papel inicial fundamental na formação dos treinadores, permitindo o acesso a variados campos de conhecimento e de possibilidades de aprendizagem profissional³. Em contrapartida, aponta-se que apenas os conhecimentos vivenciados na graduação não são suficientes para os treinadores atuarem na prática^{6,7,10} e, por esse motivo, devem buscar outras maneiras de aprofundar sobre os conhecimentos que consideram relevantes.

A Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) é uma Instituição sem fins lucrativos e de caráter desportivo que visa controlar, difundir e incentivar em todo o país a prática do handebol em todos os níveis². É constituída, dentre outros, por entidades filiadas de administração do handebol, todas com os mesmos direitos, que no território brasileiro venham a dirigir o handebol em seus estados, sendo uma dessas a Federação Paulista de Handebol (FPHb), responsável pelo handebol em todo estado de São Paulo. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa foi identificar e discutir as representações dos treinadores sobre o papel da CBHb e da FPHb para o processo de formação profissional.

MÉTODO

Participaram desta pesquisa seis treinadores do Estado de São Paulo que classificaram suas equipes entre as três primeiras colocadas (da 1ª e 2ª divisões) nos Jogos Abertos do Interior. A média de idade desses é de 42,7 (±6,4) anos e o tempo médio de experiência como treinador de 18 (±5,9) anos. Dos seis entrevistados, quatro já haviam participado de competições realizadas pela CBHb ou pela FPHb como membro de comissão técnica e/ou atleta. Todos os treinadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (CAAE: 18016013.0.0000.5407).

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e considera importante a opinião dos treinadores sobre o papel da CBHb e da FPHb para o seu desenvolvimento profissional. Além disso, a reflexividade do pesquisador é necessária, por ser este quem vai interpretar as representações dos treinadores sobre o objetivo da pesquisa⁵.

Optou-se pela entrevista semiestruturada para a produção dos dados, uma vez que esta permite ao entrevistado responder às questões e, ao pesquisador, criar novas interrogativas para aprofundar na temática proposta⁵. As questões norteadoras desta pesquisa (que se trata de um recorte de um projeto mais amplo sobre a formação de treinadores de handebol) foram: “como você vê a relação entre a sua formação e a CBHb/FPHb?” e “essas Instituições contribuem para a sua formação?”.

As entrevistas foram transcritas, tabuladas e analisadas de acordo com o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que parte da premissa de que uma ideia pode ser socialmente compartilhada dentro de um grupo específico, a partir de um discurso-síntese⁴. O DSC é elaborado a partir de algumas figuras metodológicas: as expressões-chave (ECH: trechos contínuos e/ou descontínuos do discurso que revelam a sua essência); as ideias centrais (IC: expressões que descrevem de maneira sucinta e fidedigna o significado dos discursos de cada grupo de ECH); e o DSC (discurso-síntese redigido em primeira pessoa, contendo as ECH agrupadas em cada IC). Serão apresentados os DSC com a procedência da fala representada de maneira sobrescrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas dos treinadores quando indagados sobre a relação entre a formação dos treinadores e a CBHb e a FPHb geraram três diferentes discursos: DSC1 (a partir da IC-1: “As Instituições não se preocupam com a formação dos treinadores”); DSC2 (a partir da IC-2: “As Instituições estão preocupadas com a formação dos treinadores”); e DSC3 (elaborado a partir da IC-3: “Iniciativas isoladas de Ligas e treinadores”).

O DSC1, composto pela opinião de cinco treinadores (S2, S3, S4, S5 e S6), enfatizou que as Instituições mencionadas (CBHb e FPHb) não contribuem para processo de formação profissional desses, conforme apontado nos trechos a seguir:

Trecho 1. Não contribuem para a formação dos treinadores^{S4,S5,S6}, fazem de vez em quando uns cursos^{S5}, e as poucas vezes que tem curso com acesso pra todo mundo é pra pessoa ganhar dinheiro, pra empresa ganhar dinheiro^{S4}. Não tem estímulo da confederação para a evolução dos treinadores; os estímulos que têm são para uma pequena parcela: os envolvidos na Federação e Confederação^{S2,S4}.

Trecho 2. Quem cuida do handebol no país, não é a confederação? Não são as federações? Então elas têm que ter esse tipo de preocupação^{S5}, pois são as que mais se beneficiariam com a formação dos treinadores e a melhoria dos atletas, porque é um órgão que tem o

objetivo de fomentar o handebol, de orientação, e não pode se restringir aos filiados^{S2}. Isso não acontece, só acontece nos polos de handebol e dentro dos polos é só pra alguns também^{S4}. Deveria fazer estender isso à classe, independentemente de você ter uma equipe filiada a ela ou não^{S2,S4}. Eu senti uma abertura bem maior da confederação em convidar outros treinadores que nem estão atuando com equipes dentro da confederação. Mas ainda acho que são convites direcionados; de alguma forma tem que criar algum modelo que abrangesse mais a categoria de treinador^{S2}. Não sei se faria descentralizado, sem o pré-requisito de ter disputado o campeonato ou ter atleta lá dentro pra formação de treinadores^{S2}.

Trecho 3. Os treinadores deveriam ter um direcionamento desde aquele que trabalha na escolinha, que não tem instrução nenhuma, até aquele que chega lá em cima [categoria adulta]S5. A Confederação não se preocupa com isso [formação], a Federação não se preocupa com isso e vão deixando os treinadores se virarem por contaS5. Aí depois que o pessoal monta a seleção ficam cobrando: 'ah a gente não tem jogador com qualidade técnica, a gente não tem jogador com qualidade tática'S5.

No trecho 1 os treinadores mencionaram que a CBHb e a FPHb raramente oferecem cursos com acesso a treinadores que não são filiados a elas. Tais apontamentos vão ao encontro dos achados de Milistetd et al.⁹, que dentre as 30 Confederações contactadas, 12 responderam ao contato apontando que oferecem cursos para os treinadores, sendo a CBHb como aquela que disponibiliza a menor carga horária aos programas de formação de treinadores (40 horas). A justificativa apontada pelos autores se baseia em possíveis demandas das Federações Estaduais. Assim, entende-se que as Instituições mencionadas não possuem um programa de aperfeiçoamento para os treinadores, principalmente em uma perspectiva de longo prazo.

Essa necessidade de busca por um conhecimento específico pode ser explicada por um distanciamento dessas Instituições com o contexto formal de aprendizagem da graduação em Educação Física, que é generalista e não contempla todas as esferas exigidas para a formação do treinador esportivo^{6,10}. Por outro lado, pela pouca penetração que a FPHb e a CBHb possuem dentro do ambiente acadêmico, os treinadores teriam que buscar a formação mais aprofundada nestas Instituições⁷. Entretanto, há outros problemas que os treinadores mencionam sobre essas Instituições, principalmente no que se refere ao contexto não-formal de aprendizagem⁹, que são apresentados nos demais trechos do DSC1.

De acordo com o trecho 2, os treinadores apontam que um dos problemas da ação dessas Instituições está justamente em um suposto direcionamento das iniciativas oferecidas a um público restrito, que seriam apenas os treinadores que são filiados a FPHb e/ou CBHb. Já no trecho 3 os treinadores afirmam que tais Instituições não se preocupam com a formação de treinadores, seja pelo oferecimento de cursos ou pela promoção de encontros entre esses. Tais resultados corroboram a perspectiva apontada por Milistetd et al.⁶, os quais consideram que os cursos realizados por Federações e Confederações no país geralmente são direcionados a treinadores já envolvidos no esporte de alta performance e, ainda, que essas organizam com-

petições baseadas em seus próprios interesses. Nesse sentido, entendemos que essas ações dificultam cada vez mais a massificação do handebol (objeto de estudo desta pesquisa) e a criação de ambientes competitivos com ampla participação.

Por outro lado, os treinadores apontaram no DSC2 um certo interesse por parte das Instituições do handebol analisadas em oferecer oportunidades de busca do conhecimento específico, como apontado a seguir:

A Confederação tá se esforçando muito para levar conhecimento: faz, reúne, chama, começou aí a Escola de Treinadores, tá tentando mexer^{S1}. Mas pela dimensão continental que nós temos neste país ainda é fragilizado; vamos chutar aí, de cada 10, vamos falar que 20% consegue se atualizar em curso ou em uma palestra. Esses professores que a gente começa a identificar [...] estão tendo a chance de participar dos acampamentos, onde ali sim a política de levar conhecimento é de você mostrar como o Brasil tá jogando no adulto, sub-21, sub-18, sub-16, sub-14, tentando consolidar um jeito de marcar, atacar, proteger o pivô, cortar a linha de passe, ficar em linha de passe, fazer a marcação do oponente por contato^{S1}. Esses professores que estão chegando, alguns deles são treinadores de clubes, alguns são treinadores de seleções, são treinadores que chegam a essas finais do brasileiro. Eles são capacitados em 10 dias de acampamento e tem uma troca: "olha, agora eu quero que você vá multiplicar isso no seu território". No feminino a gente teve o cuidado nos dois últimos acampamentos trazer pessoas de vários locais que a gente sabe que tem handebol acontecendo de boa qualidade^{S1}. Os treinadores das seleções são privilegiados, porque já conseguem acompanhar os mundiais, panamericanos, sulamericanos, já jogam a Liga Nacional, já foram ex-atletas^{S1}.

O DSC2 aponta o esforço pela CBHb para o desenvolvimento do handebol e, embora contraditório com o trecho 2 do DSC1, reforça a ideia de certa "elitização" desse conhecimento específico, atendendo aos interesses apenas dos filiados, destacado como um problema para os treinadores. O DSC2 aponta que há uma preocupação da CBHb com a formação de treinadores e que, para isso, essa vem oferecendo uma série de encontros de treinadores e atletas, conhecidos como acampamentos. Nos acampamentos a ideia é partilhar com os treinadores que estão participando, as ideias de jogo das seleções nacionais em cada categoria, desde o sub-14 até o adulto, de modo a buscar a consolidação de uma linha de trabalho entre categorias e a multiplicar os conceitos abordados no acampamento juntamente ao seu local de atuação profissional.

Tal iniciativa da CBHb apresenta, também na visão dos treinadores, problemas como a participação restrita e um suposto "direcionamento" dos convites a determinados treinadores, motivo que também concorda com o trecho 2 do DSC1. Manifesta-se, portanto, a preocupação em relação ao acesso às diferentes bases do conhecimento específico do handebol, seja a partir de simpósios, cursos entre outros, que tenham um caráter de continuidade. Além disso, a curta duração desses encontros abre a prerrogativa para questões sobre "qualidade da aprendizagem *versus* reprodução das ações observadas", sem a devida reflexão e contextualização do ambiente de prática de cada treinador.

Por outro lado, os treinadores apontaram que, considerando as dificuldades de melhorar a formação por iniciativas das Instituições citadas, há outras oportunidades sendo oferecidas, mesmo pontualmente, pelas Ligas Regionais e pelos próprios treinadores, conforme apontados no DSC3 (opinião compartilhada por S2, S3 e S5):

As Ligas estão mais preocupadas com isso [*formação*] do que as Federações⁵⁵. As Ligas são importantes na massificação para ampliar a prática esportiva⁵⁵, e tem uma que vem criando oportunidades pro pessoal participar de eventos internacionais [*competição*]⁵². Há também um encontro de treinadores que se faz todo ano, que é bem legal, mas não é a federação que organiza, é particular. Quando nós organizamos, contratamos treinadores para dar alguns mini-cursos, porque tínhamos esse interesse⁵³.

As Ligas Regionais são instituições que promovem o handebol em diversas categorias, porém sem ligação com a FPHb e a CBHb. Os treinadores apontam que essas Ligas são responsáveis por organizar encontros anuais para debates de temas específicos, mediados por um treinador mais experiente de nível nacional ou internacional. Há, ainda, a participação de algumas equipes em um campeonato internacional, visando à promoção de intercâmbio com outras equipes. Tais iniciativas, desenvolvidas em contextos não-formal e informal, podem auxiliar os treinadores a buscarem aspectos que contemplem sua formação específica⁷ mesmo que realizadas uma vez ao ano e com poucos dias de duração.

Também é apontado no DSC3 que, de acordo com o interesse dos treinadores, por iniciativa própria estes contratam treinadores mais experientes, de seleções nacionais para dar alguns “mini-cursos”. Trata-se aqui de uma iniciativa isolada, que apresenta-se nesse contexto como uma busca por um conhecimento informal, pois apesar de se ter um mediador com mais experiência, são os treinadores que o buscam para discutir temas de interesse dos próprios treinadores em questão. Quando os próprios treinadores definem aquilo que querem aprender, dão um maior valor a este tipo de conhecimento porque vai diretamente ao encontro de suas necessidades¹⁰.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foi apontado um interessante panorama sobre a formação profissional de um grupo de treinadores do Estado de São Paulo, que ocupavam uma posição de destaque no cenário Estadual, com equipes de alto nível competitivo e com resultados expressivos. Ao tentar compreender o papel da FPHb e da CBHb na formação desses treinadores observou-se a falta de apoio das Instituições para o processo de aprendizagem profissional pela maioria dos entrevistados. Aponta-se a falta de oportunidades oferecidas por essas, como cursos de curta e longa duração e encontros que permitam a troca de experiências entre treinadores de diferentes regiões.

A principal crítica se dá em relação à participação restrita em possíveis eventos dessas Instituições, revelando baixo interesse dessas em investir na formação de treinadores. Mesmo diante da menção feita aos acampamentos, entende-se que se constituem como ações isoladas com participação restrita. É necessário melhor investimento no diálogo entre as Instituições que organizam o handebol em âmbito nacional e as Universidades, com propostas direcionadas para a melhoria do cenário do handebol brasileiro, que se encontra alicerçada na formação dos treinadores.

1. Brasil (1998b). Lei nº9.696, de 1 de setembro de 1998. Regulamentação da Profissão de Educação Física e criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
2. Confederação Brasileira de Handebol. Estatuto nº3, de 2016. Disponível em: http://www.brasilhandebol.com.br/Admin/Anexos/001969_ESTATUTOeATADEASSE_MBLEIA_GERALEXTRAORDINARIA2016.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2017.
3. Jones R, Morgan K, Harris K (2012). Developing coaching pedagogy: Seeking a better integration of theory and practice. *Spo, Educ and Soc* 17(3): 313-329.
4. Lefèvre F, Lefèvre AM (2012). Pesquisa de Representação Social: Um Enfoque Qualiquantitativo. Brasília: Liber Livro.
5. Marconi MA, Lakatos EM (2003). Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas.
6. Milistetd M, Trudel P, Mesquita I, Nascimento JV (2014). Coaching and Coach Education in Brazil. *Int Spo Coach J* 1:165-172.
7. Milistetd M, Duarte T, Ramos V, Mesquita I, Nascimento JV (2015). A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. *Pensar a Prática*, 18(4): 982-994.
8. Milistetd M, Ciampolini V, Salles WN, Ramos V, Galatti LR, Nascimento JV (2016). Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. *Spo Coach Rev* 5(2): 138-152.
9. Nelson LJ, Cushion CJ, Potrac P (2006). Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualisation. *Int J Spo Sci & Coach* 1(3): 247-259.
10. Stoszkowski J, Collins D (2016). Sources, topics and use of knowledge by coaches. *J Spo Sci* 34(9): 794-802.